

Classes verbais e alternâncias no Português Brasileiro: estudo semântico dos verbos meteorológicos¹

Verbal classes and alternations in brazilian portuguese: a semantic analysis of meteorological verbs

Rafael Gonçalves Silva Freire

Universidade Federal de Minas Gerais – Minas Gerais – Brasil

Resumo: “Verbos meteorológicos” (como “chover” e “amanhecer”) apresentam comportamentos semânticos e sintáticos distintos (Costa *et al.*, 2012), sendo comumente categorizados na literatura tanto como inergativos quanto como inacusativos. Esses verbos também são descritos como classe uniforme (Ruwet, 1991) e conjunto heterogêneo de verbos (Roldán, 2013). Neste trabalho, tais verbos são analisados no português brasileiro (PB), propondo que eles lexicalizam os eventos do tempo meteorológico de duas maneiras distintas, refletidas em sua estrutura sintática, conforme a análise de Levin e Krejci (2019) para o inglês. Os 17 verbos estudados foram coletados por Borba (1990), e os enunciados que os exemplificam foram extraídos do *Corpus do português* (Davies, 2016). Esta pesquisa fundamenta-se na hipótese da determinação semântica sobre a sintaxe e na interface sintaxe-semântica lexical (Levin, 1993). Observou-se que os verbos se dividem em duas classes semânticas, correspondentes às estruturas inacusativas e inergativas. Verbos como “chover” assemelham-se aos inergativos; verbos como “amanhecer” comportam-se como inacusativos, apresentando sujeito derivado. Conclui-se que os fenômenos meteorológicos são lexicalizados no PB de dois modos, os quais impactam sua estrutura sintática (Levin; Krejci, 2019). Verbos tipo “amanhecer” comportam-se como *achievements*, sendo inacusativos, enquanto verbos tipo “chover” funcionam como verbos de atividade, sem predicação, caracterizando-se como inergativos.

Palavras-chave: Verbos meteorológicos. Semântica lexical. Papéis temáticos. Aspecto lexical.

Abstract: “Weather verbs” (“to rain”, “to dawn”, and others) exhibit different semantic and syntactic behaviors (Costa *et al.*, 2012), and have been analyzed in the literature as both unergative and unaccusative. Moreover, they have been described as a uniform class (Ruwet, 1991) and as a heterogeneous set of verbs (Roldán, 2013). This study analyzes these verbs in Brazilian Portuguese (BP), proposing that they lexicalize meteorological events in two distinct ways, which are reflected in their syntactic structure, following Levin and Krejci’s (2019) analysis for English. The 17 verbs examined were collected from Borba (1990), and the usage examples were extracted from the *Corpus do Português* (Davies, 2016). The research is grounded in the hypothesis of semantic determination over syntax and in the syntax-lexical semantics interface (Levin, 1993). The results show that these verbs fall into two semantic classes, corresponding to unaccusative and unergative structures. Verbs like “to rain” pattern with unergatives, while verbs such as “to dawn” behave as unaccusatives, presenting a derived subject. Thus, meteorological phenomena are lexicalized in two distinct ways in BP, affecting syntactic realization (Levin; Krejci, 2019). Verbs like “to dawn” behave as *achievements* and are unaccusative. In contrast, verbs like “to rain” operate as activity verbs, lacking predication, and are therefore unergative.

Keywords: Meteorological verbs. Lexical semantics. Thematic roles. Lexical aspect.

¹Agradeço à Profa. Dra. Luana Lopes Amaral pela dedicação à leitura dos meus textos e pelas conversas fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

1 Introdução

Verbos apresentam comportamentos distintos, tanto sintática quanto semanticamente, em uma sentença (Filmore, 1968; Levin, 1993). Seguem, como exemplos¹, os verbos “nevar”, “comer”, “cair” e “colocar”:

- 1) Ontem nevou.
- 2) Maria comeu uma fruta.
- 3) O lápis caiu no chão.
- 4) A professora colocou o livro na mesa.

Do ponto de vista da sintaxe tradicional (gramática), o verbo em (1) é intransitivo, pois não é necessário um complemento de objeto direto ou indireto para que o enunciado tenha sentido completo. “Comer”, por sua vez, é um verbo transitivo direto, já que seu sentido depende da presença de um objeto, como em (2). No exemplo (3), o verbo “cair” relaciona-se a um objeto indireto, introduzido por uma preposição. Por fim, a sentença (4) apresenta um verbo que se liga, simultaneamente, a um objeto direto e um indireto. Dessa forma, observa-se que os quatro verbos comportam-se de formas distintas sintaticamente.

No campo da semântica e sintaxe formais, também é possível notar diferenças relevantes. A oração (1) apresenta um verbo cujo sentido é saturado sem a necessidade de argumentos adicionais. Por outro lado, em (2) e (3), os itens verbais dependem da presença de dois argumentos para que seu significado seja plenamente construído. Já o verbo “colocar”, em (4), exige três argumentos para que a oração apresente sentido completo. Além disso, há verbos que requerem apenas um argumento para saturar seu sentido, como no exemplo (5):

- 5) O criminoso fugiu.

No português do Brasil há cerca de 12.000 verbos, dos quais apenas a metade é amplamente utilizada pelos falantes na atualidade (Borba, 1990). Entre eles, encontram-se os verbos meteorológicos (“chover”, “nevar”, “amanhecer”, “escurecer” etc.), que

descrevem eventos relacionados ao tempo meteorológico (Levin, 1993). Nas gramáticas do português, é comum encontrá-los sob a denominação de “verbos de fenômenos da natureza” ou “verbos impessoais”. Esses verbos são classificados como defectivos e impessoais, pois apresentam apenas flexão na terceira pessoa do singular e não admitem sujeito expreso (Cunha; Cintra, 2001; Bechara, 2004). No português brasileiro (PB), há 17 verbos com essa função.

Embora em número reduzido, os verbos meteorológicos não compõem uma única classe, já que, entre si, apresentam estruturas sintáticas e semânticas distintas (Costa *et al.*, 2012; Roldán, 2013). Tais características podem ser agrupadas em dois conjuntos, a saber: as que se assemelham ao verbo “chover” e as que se aproximam do verbo “amanhecer”. Tendo isso em vista, este trabalho tem como objetivo explorar a fundo as diferenças e semelhanças entre esses verbos, com base na teoria da interface sintaxe-semântica lexical (Levin, 1993).

Para isso, realizou-se um levantamento de todos os verbos considerados meteorológicos. Em seguida, eles foram analisados com o objetivo de identificar quais propriedades sintáticas e semânticas apresentam. A teoria proposta por Levin e Krejci (2019) foi adotada nesta pesquisa a fim de verificar se o debate desenvolvido pelos autores para o inglês seria aplicável ao PB. Averiguou-se se os verbos meteorológicos são, de fato, impessoais, se eles se enquadram como inergativos ou inacusativos e se, em sua estrutura argumental, funcionam como verbos avalentes ou monovalentes.

Esta pesquisa utilizou dados coletados do dicionário de Borba (1990) e do *Corpus do português* de Davies (2016). Foram selecionadas sentenças espontâneas de diferentes esferas sociais. O *corpus*, em particular, permitiu a busca por itens lexicais específicos, bem como a seleção de verbos já conjugados na forma desejada.

Para a maioria dos verbos examinados, optou-se pela pesquisa das formas conjugadas no pretérito perfeito do indicativo (“choveu”, “nevou”, “amanheceu”,

¹As sentenças com verbos meteorológicos foram retiradas do Corpus do Português (Davies, 2016). Sentenças com verbos não meteorológicos são de autoria própria.

entre outros) ou no pretérito imperfeito do indicativo (“geava”, “anoitecia”, “escurecia”, etc.). Após a coleta dos verbos e a seleção das sentenças, realizou-se análise sintática e semântica de cada verbo, observando sua classificação dentro das estruturas propostas.

Esperava-se que, ao final da pesquisa, fosse confirmada a hipótese de que os dois tipos de verbos meteorológicos (do tipo “chover” e do tipo “amanhecer”) apresentam comportamentos diferentes, impactando tanto sua estrutura sintática quanto a semântica. Para tanto, recorreu-se às teorias dos papéis temáticos (Filmore, 1968; Chafe, 1970; Cançado; Amaral, 2016) e dos aspectos lexicais (Vendler, 1967).

Verificou-se que, embora o PB não apresente uma quantidade significativa de verbos meteorológicos, entre eles há diferentes comportamentos. Diante disso, buscou-se na literatura estudos que explicassem essa variedade. Foram encontrados trabalhos relevantes; porém, observou-se que, sob a perspectiva da semântica lexical, ainda há espaço para identificar mais diferenciações entre esses verbos.

2 Fundamentação teórica

Os verbos meteorológicos têm sido analisados tanto como uma classe uniforme (Ruwet, 1991) quanto como um conjunto heterogêneo de verbos (Costa *et al.*, 2012; Roldán, 2013). No campo da linguística, tais verbos são analisados de maneiras distintas. De acordo com Levin e Krejci (2019), há dois debates centrais em relação a esses verbos: a) se são avalentes ou monoargumentais; b) se são inergativos ou inacusativos.

No que concerne à lexicalização de eventos meteorológicos, Roldán (2013) classifica-os em três tipos: a) verbos que denotam que “algo está caindo” – exemplos em (6); b) verbos que denotam que algo “se produz ou se move na atmosfera” – exemplos em (7); c) verbos que indicam alguma mudança na atmosfera – exemplos em (8).

- 6) a. Chove em Belo Horizonte.
b. Hoje está nevando.

- 7) a. Trovejava muito durante a noite.
b. Ontem à tarde ventou muito.
8) a. O dia amanheceu bonito.
b. Anoiteceu e eu ainda não terminei minha tarefa.

Em contraste, Levin e Krejci (2019) propõem que esses verbos sejam agrupados em apenas duas categorias, uma vez que duas das três classificações identificadas por Roldán (2013) compartilham as mesmas propriedades sintáticas e semânticas, conforme os exemplos em (6) e (7). Assim, as autoras identificam os verbos como *precipitation verbs* – “to rain” (“chover”), “to snow” (“nevar”), “to fog” (“neblinar”) – e *stage-of-day verbs* – “to dawn” (“amanhecer”), “to dusk” (“anoitecer”).

Neste trabalho, adota-se a proposta de Levin e Krejci (2019), descrevendo essas duas classes como “verbos do tipo ‘chover’” e “verbos do tipo ‘amanhecer’”, nomenclatura adotada por serem os dois verbos mais recorrentes. A primeira categoria inclui nove verbos: “chover”, “chuviscar”, “garoar”, “gear”, “neblinar”, “ventar”, “nevar”, “trovejar” e “relampear”. Já a classe dos verbos do tipo “amanhecer” é formada por: “amanhecer”, “clarear”, “escurecer”, “estiar”, “alvorecer”, “anoitecer”, “entardecer” e “madrugar”, totalizando oito itens.

2.1 Contraste entre verbos do tipo “chover” e “amanhecer”

A distinção entre essas duas categorias é necessária, uma vez que ambos os tipos de verbos apresentam contrastes nos aspectos sintáticos e semânticos. As subseções a seguir indicam as propriedades que diferenciam essas categorias, conforme Fábregas (2014).

2.1.1 Complementos predicativos

O primeiro contraste entre as categorias relaciona-se ao uso de complemento predicativo dos verbos. Como é ilustrado em (9), os dois grupos o admitem:

- 9) a. Chovia forte / muito / pouco / calmamente.

b. Amanheceu nublado / ensolarado / chuvoso / frio.

No entanto, é possível notar que o complemento dos verbos do tipo “chover” é estritamente adverbial. Por outro lado, os verbos do tipo “amanhecer” admitem complementos cujas propriedades expressam espaço e tempo, sendo necessariamente meteorológicas. Não obstante, para que o verbo expresse tempo, é necessário que um contexto seja acrescentado à sentença, como “amanheceu nublado *em Belo Horizonte*”. Quanto ao tempo, é expresso nos complementos *nublado*, *ensolarado*, *chuvoso* e *frio*.

2.1.2 Sujeitos expressos

Os verbos do tipo “amanhecer” podem ser acompanhados de sujeitos nominais que expressam períodos temporais. Os verbos do tipo “chover”, por sua vez, podem vir acompanhados de sujeitos nominais locativos.

10) a. O dia amanheceu frio.

b. A noite escureceu depressa.

11) a. São Tomé chove muito;

b. Meu bairro venta muito.

A análise do uso de sujeitos pessoais em sentenças com verbos meteorológicos não apenas distingue os verbos dos tipos “chover” e “amanhecer”, como também desmistifica uma informação generalizada nas gramáticas de que os verbos meteorológicos admitem apenas a flexão na terceira pessoa do singular.

Os exemplos em (11) mostram que sentenças com o verbo do tipo “chover” podem aceitar sujeitos e serem perfeitamente gramaticais no PB. Os verbos do tipo “amanhecer”, por sua vez, admitem flexões em pessoas distintas da terceira do singular. No entanto, embora conservem parte de seu significado original, deixam de expressar um evento meteorológico, passando a se referir a um sujeito animado.

12) a. Eu amanheci com dor de cabeça.

b. Os meninos anoiteceram na rua.

c. O João amanheceu bêbado.

Fábregas (2014) ressalta que, quando há um predicado, o estado em que se encontra o sujeito paciente pode ser expresso por sintagmas adjetivais (13a), adverbiais (13b), nomes introduzidos por preposição (13c) ou elementos preposicionais (13d).

13) a. Maria amanheceu feliz.

b. Hoje amanhecemos bem.

c. João amanheceu com uma gripe.

d. João amanheceu como presidente do Brasil.

Além dos contrastes apresentados por Fábregas (2014), este trabalho abordará outras diferenças entre os verbos do tipo “chover” e “amanhecer” nas seções de análise e resultados.

2.2 A proposta para os papéis temáticos

Estudos sobre papéis temáticos consolidaram-se na literatura linguística por meio das contribuições de Chafe (1970), Halliday (1966), Jackendoff (1972), entre outros. A análise desse tópico deve-se, principalmente, ao fato de que funções gramaticais de sujeito, objeto, etc. são insuficientes para estabelecer relações entre certas sentenças (Cançado, 2012). Cançado (2012, p. 105) exemplifica:

14) a. O João quebrou o vaso com um martelo.

b. O vaso (se) quebrou com um martelo.

c. Um martelo quebrou um vaso.

A autora destaca as sentenças em (14) para demonstrar que características sintáticas não bastam para estabelecer relações entre os elementos de uma oração. Em (14a) João ocupa a posição de sujeito, enquanto o vaso é o objeto direto e o martelo funciona como o objeto oblíquo. No entanto, em (14b) o vaso deixa de ser o objeto direto, tornando-se o sujeito da oração. Por fim, em (14c) o martelo ocupa a posição de sujeito.

Diante dessa arbitrariedade, os papéis temáticos são descritos com o objetivo de classificar os argumentos de uma determinada sentença a partir da relação semântica entre o verbo e cada argumento. Cançado e Amaral (2016) apresentam uma lista de papéis temáticos, acompanhada de definições e

exemplos. Entre eles, encontram-se funções como agente, paciente, tema e objeto estativo. Para esta análise, serão considerados quatro papéis temáticos: agente, causa, paciente e tema, definidos a seguir por Cançado e Amaral (2016, p. 43):

Agente: desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle [...]

Causa: desencadeador de alguma ação, sem controle [...]

Paciente: entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado [...]

Tema: entidade transferida, física ou abstratamente, por uma ação (Cançado; Amaral, 2016, p. 43).

Retomando as sentenças em (14), observa-se que o vaso, que se comportou sintaticamente como objeto direto e sujeito, não apresenta tal inconsistência do ponto de vista semântico. Nas três sentenças, “vaso” assume o mesmo papel temático de paciente, pois em todos os casos, é uma entidade que sofre o efeito da ação de ser quebrado, passando de um estado íntegro a um danificado.

Em suma, a cada argumento de uma determinada sentença é atribuído um papel temático. Segundo Frege (1960 [1891]), cada tipo de verbo exige um determinado número de argumentos para que seu sentido seja saturado, o que é denominado estrutura argumental.

Uma estrutura argumental refere-se à maneira como os verbos (ou outros predicados) se organizam e se relacionam com seus argumentos, ou seja, os participantes que estão envolvidos na ação ou o estado descrito pelo verbo. Cada verbo pode exigir um determinado número de argumentos, que podem incluir agente, paciente, causa, tema, locativo, entre outros. As estruturas argumentais são essenciais para entender como diferentes verbos funcionam nas frases e como eles interagem com os demais elementos. Além disso, elas são fundamentais para a análise semântica e sintática das línguas. Os exemplos de (1) a (4) são repetidos abaixo como (15) a (18):

15) Ontem nevou.

16) Maria comeu uma fruta.

17) O lápis caiu no chão.

18) A professora colocou o livro na mesa.

A partir da análise semântica dos verbos apresentados, percebe-se que, em (15), o verbo “nevar” não demanda nenhum argumento para que seu sentido seja saturado. Em contraste, os verbos “comer” e “cair”, em (16) e (17), requerem dois argumentos para que apresentem sentido completo. Por fim, o verbo “colocar” exige três argumentos em sua estrutura argumental. Nesse sentido, os verbos nas sentenças de (15) a (18) possuem as seguintes estruturas argumentais:

19) Nevar: { $\emptyset$ }.

20) Comer: {agente, paciente}.

21) Cair: {tema, locativo}.

22) Colocar: {agente, tema, locativo}.

2.3 Verbos inacusativos e inergativos

A principal característica de um verbo está relacionada à sua transitividade. Os verbos transitivos, sejam diretos ou indiretos, selecionam pelo menos dois argumentos. Por outro lado, os verbos intransitivos elegem apenas um argumento e não apresentam em sua estrutura argumental um complemento (Cunha; Cintra, 2001).

Perlmutter (1978) propõe uma separação semântica entre os verbos intransitivos, classificando-os em inergativos e inacusativos. Essa distinção foi formalizada posteriormente por Burzio (1986), com a hipótese inacusativa, a qual defende que, embora ambos os tipos sejam monoargumentais, existem diferenças sintáticas e semânticas entre eles. Verbos inergativos possuem um único argumento, que ocupa a posição de sujeito externo. Já os verbos inacusativos também demandam apenas um argumento, mas este ocupa a posição de argumento interno na sentença.

Ciríaco e Cançado (2011) defendem que não existe uma delimitação exata entre essas duas classes, mas uma classificação prototípica. Em outras palavras, as autoras afirmam que há verbos prototipicamente inacusativos e verbos prototipicamente inergativos, que, no entanto, podem apresentar propriedades distintas das típicas de seu grupo. Seguem os exemplos:

23) O dia amanheceu ensolarado.

24) Anteontem choveu.

O exemplo (23) apresenta uma sentença com um verbo inacusativo (“amanhecer”). De acordo com a hipótese inacusativa (Burzio, 1986), esse verbo possui apenas um argumento, localizado sintaticamente na posição de sujeito, mas exercendo semanticamente a função de paciente. O verbo da sentença descreve uma mudança de estado que ocorre sem a intervenção de um agente, ou seja, o sujeito não realiza a ação ativamente. No caso de “amanhecer”, o dia simplesmente amanhece; não há um agente responsável por essa ação.

Em (24), há uma sentença com o verbo “chover”, que funciona como inergativo, uma vez que não demanda um sujeito em sua estrutura e lexicaliza um evento meteorológico sem predicação. Esse verbo pode ainda ocorrer acompanhado de um objeto cognato e apresentar complementos que indiquem circunstâncias de ação, como advérbios ou locuções adverbiais, por exemplo: “anteontem choveu rapidamente”.

2.4 A proposta para os aspectos lexicais

O aspecto lexical refere-se às distinções existentes no léxico de um verbo, relacionadas às características do seu sentido. Para classificar os verbos sob essa perspectiva, Vendler (1967) sugere que cada item verbal seja caracterizado conforme três pares básicos de oposição: dinamicidade e estatividade; duratividade e pontualidade; e telicidade e atelicidade.

O primeiro par distingue verbos dinâmicos e estativos. Um verbo estativo não se altera com o tempo, enquanto um verbo dinâmico apresenta intervalos e fases, ou um único intervalo que se altere com o tempo. Além disso, verbos estativos não requerem qualquer tipo de força ou esforço para que sua ação ocorra. A seguir, alguns exemplos de verbos estativos são apresentados:

25) João gosta de chocolate.

26) Ana tem uma boneca.

27) Rafael é professor de português.

Nas sentenças, os verbos “gostar”, “ter” e “ser” não indicam intervalos ou fases, tampouco requerem esforço para que a ação seja realizada. Para diferenciar os verbos estativos dos dinâmicos, Valin (2005) propõe um teste prático para diferenciá-los: o questionamento “o que aconteceu?”. Se a resposta for linguisticamente adequada, trata-se de um verbo dinâmico. Caso contrário, o verbo da sentença é estativo.

A seguir, o teste foi realizado com os verbos “gostar”, “ter” e “ser”, já apresentados como estativos, e o verbo “cair”, que é dinâmico, para fins de comparação. Os verbos foram conjugados no pretérito perfeito para adequarem-se à pergunta.

28) O que aconteceu?

??João gostou de chocolate².

29) O que aconteceu?

??Ana teve uma boneca.

30) O que aconteceu?

??Rafael foi professor de português.

31) O que aconteceu?

A menina caiu no buraco.

É possível observar que as respostas obtidas às sentenças de (28) a (30) são linguisticamente inadequadas. Por essa razão, conclui-se que esses verbos são estativos, enquanto as outras classes apresentam verbos dinâmicos. Sendo assim, apenas a sentença em (31) fornece uma resposta linguisticamente adequada à pergunta, pois o verbo em questão apresenta dinamicidade.

O segundo par de oposição define se o verbo é durativo ou pontual. O primeiro estende-se por um período de tempo, enquanto o segundo ocorre em um único momento. A duratividade de um verbo pode ser reconhecida por expressões que indiquem a duração da ação, como nos exemplos a seguir:

32) João ganhou uma bolsa de estudos *enquanto estudava medicina*.

33) Carol correu na esteira *durante 20 minutos*.

34) O menino comeu chocolate *por dez minutos*.

²Utilizou-se o símbolo ?? para indicar uma inadequação linguística, como proposto por Cançado e Amaral (2016).

35) *O homem morreu *durante duas horas*³.

36) *O professor chegou *por três minutos*.

Nas sentenças de (32) a (36), há dois tipos de verbos: os que apresentam duratividade (32 a 34) e os que são pontuais (35 e 36). Nota-se que os verbos pontuais não aceitam expressões que indiquem duratividade, ao passo que os verbos durativos permitem o uso de expressões como “enquanto”, “durante” e “por x tempo”. É importante ressaltar que esses sintagmas que expressam a duração do evento não precisam estar explicitamente presentes na sentença para que o verbo seja considerado durativo.

Por fim, o último par de oposição refere-se à telicidade. Um verbo télico apresenta um resultado final definido, enquanto um verbo atélico não sugere uma conclusão de forma clara. Em outras palavras, um verbo com telicidade descreve uma ação que precisa chegar a seu estado final para ter sua ocorrência confirmada. Já um verbo atélico representa situações em que a ação não tem um final determinado.

37) O Renato ganhou na Mega-Sena.

38) Meu irmão acendeu a luz do quarto.

39) O menino gostou da sobremesa.

40) A atleta correu a maratona.

Em (37) e (38), os verbos “ganhar” e “acender” são verbos télicos, pois expressam um final delimitado; ou seja, para que a sentença seja proferida, as ações dos verbos devem estar finalizadas. Por outro lado, verbos como “gostar” e “correr”, como nas sentenças (39) e (40), não exigem uma conclusão para que seu sentido seja saturado. O verbo “gostar”, por exemplo, não requer uma finalização para que seu significado esteja completo, assim como a atleta não precisa finalizar a maratona para dizer que participou da corrida; afinal, sentenças como “a atleta correu a maratona, mas não a finalizou” são linguisticamente corretas.

Diante desses valores aspectuais, Vendler (1967) propõe classificar os verbos em quatro classes de acordo com o seu aspecto lexical, a saber: estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*.

A primeira classe representa os verbos de estado, que, segundo Vendler (1967), descrevem condições ou estados de ser, em vez de ações ou eventos que ocorrem ao longo do tempo. Geralmente, indicam situações que não envolvem uma mudança ou movimento ativo, mas sim um estado contínuo ou uma condição. São, assim, estativos, durativos e atélicos. Seguem os exemplos:

41) A secretária se chateou com seu chefe.

42) A criança amou o presente.

Os verbos dessa classe não apresentam dinamicidade, ou seja, não é necessário qualquer tipo de força ou movimento para que a ação seja realizada. Além disso, verbos de estado são durativos e atélicos, uma vez que não expressam um resultado definido. Os verbos de estado são os únicos considerados estativos.

Verbos de atividade, segundo Vendler (1967), descrevem ações ou processos que ocorrem ao longo do tempo, de forma contínua ou duradoura. Esses verbos representam ações que o sujeito realiza ativamente ou que requerem algum tipo de força para ser realizada, muitas vezes com duração expressa, provocando dinamicidade. São considerados dinâmicos, durativos e atélicos.

43) A mulher cantou no karaokê (por duas horas).

44) A criança pulou no sofá (enquanto a mãe cozinhava).

É possível perceber que os verbos “cantar” e “pular” enquadram-se na categoria dos verbos de atividade por serem dinâmicos, durativos e atélicos. Dowty (1979) sugere o teste “paradoxo do imperfectivo” para verificar se um verbo é de atividade, visto que evidencia a dinamicidade e atelicidade. Esse teste consiste em empregar o verbo em uma sentença no gerúndio e averiguar se o enunciado implica logicamente a mesma oração com o verbo no pretérito perfeito, como exemplificado a seguir:

45) A mulher está cantando no karaokê.

└ A mulher cantou no karaokê⁴.

³Nesta pesquisa, adotou-se o símbolo * para indicar que uma sentença é agramatical.

⁴O símbolo └ é usado na literatura linguística para expressar um acarretamento entre as sentenças; os símbolos ~└ indicam o

46) A criança está pulando no sofá. † A criança pulou no sofá.

Os itens (45) e (46) apresentam sentenças no aspecto contínuo que acarretam implicações correspondentes no aspecto perfectivo. Em outras palavras, o fato de a mulher estar cantando no karaokê é condição suficiente para afirmar que ela cantou no karaokê, ainda que a ação não tenha sido concluída. Do mesmo modo, a segunda sentença acarreta que a criança pulou no sofá, independentemente da duração da ação. Esses comportamentos evidenciam que os verbos “cantar” e “pular” pertencem à categoria de atividade.

Segundo Vendler (1967), os verbos de *accomplishment* descrevem ações ou eventos com início, desenvolvimento e desfecho claramente definidos. Tais verbos indicam atividades que se estendem ao longo do tempo e culminam em um estado ou resultado específico. Caracterizam-se, portanto, como dinâmicos, durativos e télicos.

47) O homem calçou o sapato.

48) A prefeitura asfaltou a rua.

Os verbos “calçar” e “asfaltar” são dinâmicos, pois necessitam de um agente que desencadeie a ação. Além disso, são durativos, pois implicam um processo com etapas sucessivas. Por fim, são télicos, já que apresentam um resultado final definido. Por essa razão, pertencem à categoria de verbos de *accomplishment*.

Finalmente, os verbos de *achievement* expressam eventos ou ações que ocorrem de forma pontual e instantânea, geralmente em um mesmo momento. Os verbos de *achievement* são dinâmicos, pontuais e télicos.

49) A criança quebrou o dente.

50) O bebê nasceu prematuro.

Nos exemplos acima, “quebrar” e “nascer” são verbos dinâmicos, pois não são estativos e requerem uma força externa para sua realização. Além disso, diferentemente das outras categorias já apresentadas, esses verbos não indicam dinamicidade, sendo pontuais em sua ocorrência. Também são

classificados como télicos, uma vez que descrevem eventos com um final determinado.

Dowty (1979) propõe um teste que permite identificar um verbo de *achievement* por meio da ausência de intervalos temporais durante sua realização. Para isso, sugere-se acrescentar à sentença a expressão “parar de”. Nesse contexto, um verbo de *achievement* tende a gerar um enunciado agramatical. As sentenças (49) e (50) são, a seguir, repetidas com a expressão “parar de”.

51) *A criança parou de quebrar o dente.

52) *O bebê parou de nascer prematuro.

Uma das características dos verbos de *achievement* é a ausência de intervalo. Por essa razão, as sentenças que empregam tais verbos tornam-se agramaticais quando combinadas à expressão “parar de”. Assim, as sentenças (51) e (52) são agramaticais, pois, do ponto de vista linguístico, o ato de quebrar o dente é pontual e possui um desfecho claro, não sendo possível interromper a ação. Da mesma forma, só é possível afirmar que um bebê nasceu prematuro após a conclusão do evento; portanto, o verbo “nascer” é pontual.

3 Análise

Para este estudo, foram coletados 17 verbos meteorológicos (Borba, 1990): “chover”, “chuviscar”, “garoar”, “gear”, “neblinar”, “nevar”, “relampear”, “trovejar”, “ventar”, “clarear”, “escurecer”, “estiar”, “alvorecer”, “anoitecer”, “amanhecer”, “entardecer” e “madrugar”. Partindo de uma classificação prévia realizado com verbos do inglês (Levin, 1993), esses itens distribuem-se em duas categorias: verbos do tipo “chover”, com nove ocorrências; e verbos do tipo “amanhecer”, que inclui oito verbos, de acordo com a análise realizada a seguir.

Os verbos classificados como do tipo “chover”, diferente do que diz a Gramática Tradicional, podem apresentar sujeito. Ademais, lexicalizam eventos meteorológicos sem predicação e podem ser acompanhados de objeto cognato, caracterizando-se como inergativos. No *corpus*, não foram encontrados

não acarretamento entre as sentenças (Cann, 1993 *apud* Cançado; Amaral, 2016).

exemplos do verbo “chover” antecedido por substantivo, apenas sentenças como:

53) Quando acordou, horas depois, viu que chovia uma chuva fina e gelada (Davies, 2016).

54) Fazia um frio de lâmina de faca (Davies, 2016).

Dessa forma, infere-se que essa classe constitui um grupo independente, embora apresente semelhanças com outros verbos inergativos devido à ausência de sujeito. Nesse momento, assume-se que os verbos do tipo “chover” são inergativos.

Além disso, sua estrutura argumental não inclui nenhuma função semântica necessária para que seu sentido seja saturado. Ou seja, não requerem agente, paciente, tema ou qualquer outro papel temático para que a oração seja interpretada como completa.

55) Hoje choveu muito.

Com base nisso, propõe-se a seguinte estrutura argumental para os verbos “chover”, “chuviscar”, “garoar”, “gear”, “neblinar”, “nevar”, “relampear”, “trovejar” e “ventar”:

56) Estrutura argumental: { $\emptyset$, $\emptyset$ }.

Ademais, todos os itens dessa categoria são classificados como verbos de atividade, pois, de acordo com seu aspecto lexical, apresentam dinamicidade, duratividade e atelicidade.

Para confirmar a dinamicidade e a atelicidade dos verbos, será aplicado o teste “paradoxo do imperfeito”, proposto por Dowty (1979). Como já mencionado, esse procedimento consiste em formular uma sentença no aspecto contínuo, por meio de uma perífrase do gerúndio, e verificar se a oração acarreta uma nova versão no aspecto perfectivo, marcada pelo pretérito perfeito, conforme nas sentenças a seguir, coletadas no Corpus do Português (Davies, 2016).

57) Hoje está chovendo muito. † Hoje choveu.

58) Agora está apenas chovendo. † Hoje chuviscou.

59) Sábado estava garoando. † Sábado garou.

60) Semana passada estava geando. † Semana passada geou.

61) Está neblinando na cidade. † Neblinou na cidade.

62) Está nevando muito neste inverno. † Nevou neste inverno.

63) Ontem estava relampeando. † Ontem relampeou.

64) Estava trovejando durante a noite. † Trovejou durante a noite.

65) Está ventando muito no parque. † Ventou muito no parque.

O teste mostra que os nove verbos são dinâmicos e atéticos. A afirmação de que está chovendo, relampeando ou ventando é suficiente para implicar que choveu, relampeou ou ventou em determinado local, independentemente da duração da ação. Desse modo, por serem dinâmicos e não estativos, não podem ser classificados como verbos de estado. Da mesma forma, por apresentarem atelicidade, não se enquadram nas categorias de *accomplishment* nem de *achievement*.

Em contraste, os verbos do tipo “amanhecer” lexicalizam eventos a partir da perspectiva de uma mudança meteorológica. Em outras palavras, expressam transformações ocorridas na atmosfera. Esses verbos podem atribuir papéis temáticos aos seus argumentos, os quais referem-se a fenômenos naturais e ocupam unicamente a posição de sujeito. Embora esses argumentos estejam na posição sintática comumente associada ao agente, semanticamente desempenham a função de paciente, já que sofrem uma alteração de estado. A seguir, apresentam-se os exemplos (66) e (67).

66) O dia amanheceu bonito.

67) A chuva estiou.

Assim, os verbos “clarear”, “escurecer”, “estiar”, “alvorecer”, “anoitecer”, “amanhecer”, “entardecer” e “madrugar” apresentam a seguinte estrutura argumental:

68) Estrutura argumental: {paciente, $\emptyset$ }.

Esses verbos apresentam o aspecto lexical de *achievement* por serem dinâmicos, pontuais e télicos. Também são classificados como inacusativos por admitirem sujeito derivado e não permitirem a ocorrência de objeto cognato.

A principal característica dos verbos de *achievement* é a ausência de intervalo entre o início e o fim da ação (Dowty, 1979). Isso pode ser comprovado pelo teste proposto por Dowty (1979), que consiste na inserção da expressão “parar de” antes do verbo. Tal acréscimo gera a agramaticalidade da sentença, conforme é exemplificado com verbos meteorológicos a seguir⁵:

- 69) a. O dia já clareou.
- b. *O dia parou de clarear.
- 70) a. Hoje escureceu mais cedo.
- b. *Hoje parou de escurecer.
- 71) a. A chuva está estiano.
- b. *A chuva parou de estiar⁶.
- 72) a. Hoje alvoreceu muito cedo.
- b. *Parou de alvorecer.
- 73) a. Ontem anoiteceu depressa.
- b. *Parou de anoitecer.
- 74) a. Já está amanhecendo.
- b. *Parou de amanhecer.
- 75) a. Entardeceu rápido hoje.
- b. *Parou de entardecer.
- 76) a. Hoje madrugou muito cedo.
- b. *Parou de madrugar.

O acréscimo da locução “parou de” aos verbos exemplificados torna as sentenças agramaticais, pois esses verbos descrevem eventos da natureza, que não dependem de força humana para serem realizados. Além disso, o teste evidencia a ausência de intervalo durante o processo descrito, o que é suficiente para classificá-los como verbos de *achievement*, uma vez que os verbos de estado, atividade e *accomplishment* são durativos.

⁵As sentenças gramaticais foram retiradas do Corpus do Português (Davies, 2016). As sentenças agramaticais são de autoria própria.

⁶ Na semântica lexical, o verbo “estiar” apresenta comportamento semelhante aos verbos do tipo “amanhecer”. Não obstante, a sentença “a chuva parou de estiar” não é agramatical, uma vez que é possível afirmar que a chuva estava estiano, mas depois voltou a cair com intensidade. Por outro lado, “estiar” também não pode ser classificado como verbo de atividade, como os verbos do tipo “chover”, já que a construção “a chuva está estiano” não implica a sentença “a chuva estiou”. Assim, considerando as demais propriedades compartilhadas com os verbos do tipo “amanhecer”, é proposto, neste estudo, a inclusão de “estiar” nessa mesma classe. Contudo, ressalta-se que a análise mais aprofundada desse verbo será objeto de investigação em pesquisas futuras.

As duas classes propostas neste estudo – os verbos inergativos (do tipo “chover”) e os inacusativos (do tipo “amanhecer”) – não se sobrepõem. Os inacusativos não admitem o aspecto lexical de atividade, assim como os inergativos não apresentam o aspecto lexical de verbos de *achievement*, como mostram os exemplos (77) e (78).

- 77) Está amanhecendo. ~ | Amanheceu.
- 78) a. Está chovendo.
- b. Parou de chover.

A sentença (77) evidencia que o verbo “amanhecer” não é de atividade, visto que o processo de amanhecer não acarreta que de fato amanheceu. Dessa forma, é evidente que não se trata de um verbo télico, característica típica de *achievement*. Em (78), o verbo “chover”, por sua vez, não pode ser de *achievement*, uma vez que a oração “parou de chover” é perfeitamente gramatical, o que demonstra que o evento apresenta intervalos temporais e não é pontual.

4 Considerações finais

Confirmou-se a hipótese de que não é possível generalizar os verbos meteorológicos como impessoais, visto que itens lexicais do tipo “amanhecer” associam-se a argumentos ocupando a posição de sujeito. Além disso, foram encontradas evidências de que esses verbos podem admitir sujeitos pessoais:

- 79) Nós anoitecemos bebendo.
- 80) Eu amanheci doente.

Adicionalmente, os verbos meteorológicos funcionam tanto como avalentes quanto como monovalentes, mas não como bivalentes ou trivalentes. Diante disso, conclui-se que os verbos meteorológicos não constituem uma categoria homogênea no PB, distribuindo-se em duas classes: os verbos do tipo “chover” (inergativos) e os do tipo “amanhecer” (inacusativos).

A partir dos resultados apresentados, observou-se a necessidade de pesquisas posteriores voltadas a três verbos específicos, pertencentes à classe dos verbos do tipo “amanhecer”: “amanhecer”, “anoitecer” e “madrugar”. Tais verbos admitem sujeitos

animados, especialmente o verbo “amanhecer”, ainda que sejam, em geral, associados a fenômenos da natureza, como mostram os exemplos a seguir⁷

- 81) O chefe amanheceu triste.
- 82) O pássaro amanheceu morto.
- 83) Ela amanheceu de ressaca.
- 84) Eu anoiteci estudando.
- 85) Ele madrugou ouvindo músicas

antigas.

Apesar de constituir um resultado do estudo, o fenômeno supracitado ainda apresenta lacunas em sua análise. Considera-se relevante investigar os mecanismos que possibilitam a ocorrência de estruturas com determinados tipos de verbos meteorológicos, bem como os motivos pelos quais essa associação se restringe a apenas alguns deles.

Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 671 p.
- BURZIO, L. *Italian syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986. 488 p.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 748 p.
- BORBA, F. (coord.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990. 1376 p.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012. 192 p.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Editora Vozes, 2016. 256 p.
- CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 46, n. 2, p. 207-226, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/cel.v46i2.8637169>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução: Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.
- CHAFE, W. L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: Chicago University Press, 1970. 360 p.
- COSTA, I. O.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras. *ReVEL*, [s. l.], v. 10, n. 6, p. 1-20, 2012. Edição especial. Disponível em: <https://www.revel.inf.br/files/20f73c13bce5da4365a008990b3e3c82.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- DAVIES, M. *Corpus do Português: web/dialects*. Washington, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- DOWTY, D. *Word meaning admontague grammar: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ*. Dordrecht: Springer, 1979. 418 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-009-9473-7>. Acesso em: 13 abr. 2025.
- FÁBREGAS, A. El argumento espacio-temporal de ciertos verbos meteorológicos. *Revista Philologica Romanica*, La Rioja, v. 14, n. 1, p. 1-25, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6318083>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- FILMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (ed.). *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968. 272 p. p. 1-88.
- FREGE G. Function and concept. In: GEACH, P.; BLACK, M. (ed.). *Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1960. 244 p. p. 21-41.
- HALLIDAY, M. A. K. Lexis as a linguistic level. In: BAZELL, C. E. et al. (ed.). *In memory of J.R. Firth*. London: Longman, 1966. 512 p. p. 148-162.

⁷Neste caso, a título de exemplificação, os exemplos são de autoria própria.

- JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972. 414 p.
- LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993. 366 p.
- LEVIN, B.; KREJCI, B. Talking about the weather: two construals of precipitation events in English. *Glossa: a journal of general linguistics*, London, v. 4, n. 1, art. n. 58, p. 1-29, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5334/gjgl.794>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 4. 1978, Berkeley. *Anais [...]*. Lexington: Linguistic Society of America, 1978. p.157-189. Disponível em: <https://doi.org/10.3765/bls.v4i0.2198>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- ROLDÁN, A. C. *Las oraciones con verbos meteorológicos en la gramática de construcciones*. 2013. 181 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2013.
- RUWET, N. *Syntax and human experience*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. 362 p.
- VALIN, R. D. V. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 334 p. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511610578>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967. 218 p.